

Modalidade: Comunicação oral/sinais

Eixo temático: Tradução/interpretação de língua de sinais: identidades em questão

TÍTULO: QUEM É O INTÉRPRETE DE LIBRAS: A PERSPECTIVA DO ALUNO SURDO NO CONTEXTO DO ENSINO SUPERIOR

Cecília Rafaelly de Oliveira – UNICENTRO*

Elenir Guerra – UNICENTRO**

RESUMO

A comunidade surda luta por sua desmistificação, pela compreensão por parte da sociedade da sua cultura, sua identidade, sua língua. Essa é a inclusão que busca. Faz parte dessa luta o reconhecimento dos intérpretes enquanto categoria profissional, para isso, é mister que a comunidade surda a conceba como tal. Este estudo teve por objetivo investigar a problemática que envolve as concepções que os surdos têm a respeito dos intérpretes de LIBRAS. Para tanto, utilizou-se de pesquisa de campo com abordagem qualitativa, através de entrevistas, sendo os sujeitos os cinco alunos surdos da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, de Guarapuava-PR. Os resultados apontam que os surdos apresentam concepções condizentes com seus objetivos e com a literatura e legislação; e abrem espaço para novas pesquisas e discussões a respeito das questões que envolvem os contextos de interpretação de Português/LIBRAS e de tradução de LIBRAS/Português.

Palavras-chave: LIBRAS. Intérprete de LIBRAS. Surdez.

INTRODUÇÃO

Desde a década de 80 observou-se no Brasil o aumento da presença dos surdos em vários âmbitos sociais, bem como maior grau de escolaridade, chegando ao Ensino Superior e cursos de Pós-graduação. Hoje há professores surdos nas Universidades, quebrando o mito de que os surdos não são capazes de chegar às operações formais, de que a LIBRAS é apenas uma linguagem e que através dela não se pode comunicar idéias complexas.

Ao que se deve esta afirmação dos surdos como categoria social e cultural diferenciada dos ouvintes dentro da sociedade? Quem medeia a comunicação entre estes dois mundos, estas duas culturas? A sua luta política vem constantemente resultando na conquista de direitos e equiparação de oportunidades. E neste contexto, a figura do intérprete de LIBRAS é

fundamental, e este se diferencia dos intérpretes das línguas orais, por não se tratar apenas de um tradutor, o intérprete de LIBRAS é a ferramenta através da qual o surdo é capaz de ter uma vida social, produtiva, política, educativa dentro da sociedade ouvinte.

Nesta direção, cabe expor a definição disposta na Lei nº 12.319 de 2010, que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS: Art. 2º “O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.”

De forma mais precisa, e anterior à Lei supracitada, há a definição do documento do MEC: O Tradutor e intérprete de Língua de Sinais Brasileira, de 2004:

“Tradutor-intérprete de língua de sinais – Pessoa que traduz e interpreta a língua de sinais para a língua falada e vice-versa em quaisquer modalidades que se apresentar (oral e escrita).[...] Tradução-interpretação simultânea – É o processo de tradução-interpretação de uma língua para outra que acontece simultaneamente, ou seja, ao mesmo tempo. Isso significa que o tradutor-intérprete precisa ouvir/ver a enunciação em uma língua (língua fonte), processá-la e passar para outra língua (língua alvo) no tempo da enunciação.[...] Tradução-interpretação consecutiva – É o processo de tradução-interpretação de uma língua para outra que acontece de forma consecutiva, ou seja, o tradutor-intérprete ouve/vê o enunciado em uma língua (língua fonte), processa a informação e, posteriormente, faz a passagem para a outra língua (língua alvo)” (p. 11)

Entretanto, o mesmo documento aponta que não se trata apenas de ouvir/ver e reproduzir, é preciso ter conhecimento técnico para fazer as adaptações lingüísticas necessárias: lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas; (p. 27) e preceitos éticos: confiabilidade, imparcialidade, discrição, distância profissional, e fidelidade (p. 28).

Portanto, não basta apenas conhecer LIBRAS e Português, é necessário que o intérprete tenha formação adequada para atuar profissionalmente, fator que se constitui uma problemática no processo de inclusão dos surdos, haja vista que esta formação não se dá apenas de maneira formal e sistemática, em cursos de LIBRAS, é além da formação técnica e acadêmica, o contato com a comunidade surda, e por conseguinte, sua cultura, se constitui um fator mister para o ato de interpretar/traduzir com eficiência.

Entretanto, este contato emerge o intérprete e o envolve com os surdos de forma que não raro, em situações educacionais, este profissional desenvolve uma empatia com os surdos, fator que pode interferir de maneira positiva ou negativa em seu trabalho, considerando que esta profissão está ainda em fase de consolidação e reconhecimento.

Para analisar melhor esta questão, adotou-se a metodologia de pesquisa a seguir.

METODOLOGIA

Utilizou-se da abordagem qualitativa e pesquisa de campo, por meio de entrevistas com questionário semi-estruturado, sendo os sujeitos da pesquisa 5 alunos surdos de diferentes cursos e anos de Licenciaturas da UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste, em Guarapuava-PR. Sendo 1 aluno do curso de Matemática, 1 aluno do curso de Letras/Português, e 3 alunos do curso de Pedagogia. Denominados respectivamente como A1, A2, A3, A4, e A5. As entrevistas foram realizadas em LIBRAS e transcritas em Português.

CONTEXTO DA PESQUISA

Antes de iniciar a discussão dos resultados é importante frisar que estes 5 alunos contam com a presença de 7 intérpretes de LIBRAS, todos com Graduação em Licenciatura, alguns com Especialização, e um intérprete com mestrado em Educação. Além disso, 5 intérpretes possuem certificado de proficiência expedido pelo MEC, e 2 a declaração de intérprete de LIBRAS expedida pela FENEIS, e foram contratados pela Universidade via teste seletivo com prova de títulos e prova didática de interpretação. Os intérpretes com mais tempo no cargo dentro da instituição atuam desde 2003.

As cargas horárias variam entre 15 e 30 horas de interpretação por semana em sala de aula, bem como em outros eventos da Universidade. A metodologia de trabalho inclui um sistema de rodízio, para auxiliar os surdos no desenvolvimento da sua autonomia, buscando tornar a relação entre surdos e intérpretes mais objetiva, e proporcionando melhor interação nesta comunidade linguística dentro da instituição.

Posto isso, inicia-se a análise dos resultados:

RESULTADOS E DISCUSSÃO

CATEGORIA 1: Necessidade de intérprete

Para análise desta categoria, perguntou-se sobre os motivos pelos quais os surdos optaram pela presença de intérpretes de LIBRAS.

A1	“ Para me avisar os recados, para eu dar opinião[...]”
A2	“Para ter informação, aula, no mesmo tempo dos outros alunos.”
A3	“Para me comunicar bem em diversas situações: escola, faculdade, médico, palestras.”
A4	“Eu sou surda e preciso de intérprete para entender o que o professor fala.”
A5	“Para interpretar o professor e traduzir a fala do surdo.”

Fonte: pesquisa de campo.

Confirma-se no discurso dos sujeitos a dependência que os surdos têm do intérprete de LIBRAS, observada no que se refere à comunicação como equiparação de oportunidades.

Entretanto, sem deixar de valorizar o trabalho do intérprete, apontado por todos os sujeitos como necessário; a comunicação entre surdos e ouvintes não pode ficar apenas a seu cargo, haja vista que este não seria um ambiente de inclusão.

Subentende-se, que o intérprete de LIBRAS deve se fazer presente sempre que necessário, entretanto, as instituições são responsáveis pela contratação destes profissionais. Não se pode olvidar uma situação de grande importância: há escassez de intérpretes habilitados para atuar no mercado de trabalho, o que se constitui um problema crucial no processo de inclusão social dos surdos.

CATEGORIA 2: Função do intérprete

Nesta categoria, questionou-se sobre a função do intérprete, buscando compreender como os surdos percebem a atuação deste profissional.

A1	“Muitas vezes o intérprete não consegue entender bem o conteúdo para interpretar, interpreta o que o professor fala, sobre outras coisas.”
A2	“Interpreta, também faz apoio, e fica mais claro.”
A3	“Às vezes o intérprete não aceita ou não pode estar presente em outras situações fora da aula”. Às vezes o intérprete se envolve na luta com os surdos, às vezes não.”
A4	“Interpreta na aula, seminários, palestras, também quando preciso conversar com alguém na faculdade, por exemplo no RH.”
A5	“Interpreta na aula, também no médico, qualquer situação que precisar de comunicação.”

Fonte: pesquisa de campo.

Através do discurso do A3, percebe-se um elemento ainda bastante presente na interação entre surdos e ouvintes: a participação dos intérpretes nos movimentos dos surdos, o envolvimento pessoal com a comunidade surda; lembrando que a função de intérprete que começou a ser exercida de forma voluntária, foi se valorizando como atividade laboral na medida em que os surdos foram aumentando seu nível de cidadania (BRASIL, 2004).

A2, A4 e A5, relatam ainda outras funções do intérprete: além de interpretar e traduzir as aulas: apoio, interpretação fora da sala de aula, inclusive em contextos pessoais dos surdos.

Os discursos de A1 e A2 denotam uma questão importante: o conhecimento do conteúdo a ser interpretado implica diretamente na eficácia da interpretação. Enquanto A2 pode contar com interpretação e apoio por parte do intérprete, A1, segundo sua opinião, conta apenas com interpretação eficiente de discursos alheios ao conteúdo, pode-se inferir que pela falta de formação específica na área do curso de A1, por parte dos intérpretes. Embora outra hipótese aceitável é a de que A1 não possui elementos linguísticos e/ou cognitivos para compreensão da locução.

Esta categoria remete à próxima: o nível de satisfação dos sujeitos em relação à eficiência dos intérpretes.

CATEGORIA 3: Nível de satisfação

Nesta categoria, perguntou-se se o intérprete satisfaz sua necessidade de tradução/interpretação.

A1	“Na Matemática prefiro olhar o quadro, mas outras coisas, sim.”
A2	“Sim, para mim está tudo bem.”
A3	“Se já estou acostumado e tem boa expressão, sim; se tem símas diferentes ou pouca expressão não consigo entender.”
A4	“Alguns intérpretes são muito bons, outros nem tanto porque usam <i>português sinalizado</i> .”
A5	“Sim, eu entendo tudo claro, me comunico.”

Fonte: pesquisa de campo.

A2 e A5 apresentam-se satisfeitos, A1 parece ter desenvolvido estratégias próprias de aprendizagem para suprir as deficiências na interpretação, ou ao menos faz tentativas. A3 e A4 estão parcialmente satisfeitos, atribuindo as deficiências na interpretação à falta de formação de alguns intérpretes no que tange ao domínio da linguística da LIBRAS.

CATEGORIA 4: Concepção do intérprete

Nesta categoria investigou-se especificamente qual a concepção que os sujeitos têm a respeito do profissional intérprete de LIBRAS.

A1	“Relação impessoal, me ajuda no Português se eu tenho dúvida.”
A2	“Parece professor, ou amigo; precisa ter boa formação e fluência na LIBRAS, porque o professor explica ideias complexas e o intérprete precisa conhecer as ideias e os sinais; precisa conhecer os surdos, ter contato, estudar, viajar.”
A3	“Parece amigo, ou professor, ou família; intérprete não pode pensar só no salário e horário, precisa estudar e muito contato com os surdos para poder entendê-los.”
A4	“O intérprete é profissional, mas se eu o conheço há muitos anos e gosto dele parece família; precisa conhecer a cultura surda e ter ética, responsabilidade, se identificar como intérprete. Precisa ter boa expressão, boa relação com o surdo e boa comunicação.”
A5	“O intérprete parece professor; precisa se relacionar bem com o surdo e ter boa fluência na LIBRAS.”

Fonte: pesquisa de campo.

De forma geral, os sujeitos demonstraram conhecimento em relação à formação do intérprete, e características imprescindíveis para a sua eficiência na interpretação: ética profissional, ter contato com a língua viva, conhecimento linguístico, léxico e semântico, conhecimento do conteúdo. Através dos discursos de A1, e A5 pode-se inferir que estes tem uma relação predominantemente profissional com os seus intérpretes. A2, A3 e A4, apresentam discursos que demonstram uma relação profissional mas também um vínculo afetivo com os seus intérpretes, fator que pode implicar de forma positiva ou negativa na eficácia da interpretação e na aprendizagem do aluno surdo, sendo este um conflito ainda a ser resolvido, embora na opinião dos sujeitos, o vínculo afetivo é visto apenas de maneira positiva.

CONCLUSÃO

A análise dos dados da pesquisa permitiu conhecer sobre a relação dos sujeitos surdos com seus intérpretes, e principalmente inferir as concepções que eles têm a respeito desses profissionais, que têm sua história arraigada na informalidade, no voluntariado, e enquanto categoria está lutando politicamente para ser reconhecida, haja vista o nível de formação e os conhecimentos exigidos pela comunidade surda e pelas instituições contratantes, para que se possa exercer essa atividade laboral.

Por fim, é importante explicar que a pesquisa não teve a pretensão de explicar toda a questão, considerando que foram ouvidos apenas os relatos dos surdos, em apenas uma instituição, em apenas uma cidade, entretanto, a pesquisa vem provocar discussões para que se façam outras pesquisas, no intuito de promover o reconhecimento social do intérprete de LIBRAS enquanto categoria profissional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004. p. 94.

BRASIL. Lei nº 12.319 de 01 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 01 de setembro de 2010.